

RELAÇÕES ENTRE A FICÇÃO E JORNALISMO EM CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Maria Cecília Guirado de Carvalho*

Angélica Miquelin do Nascimento**



“Minha reação imediata foi me sentar para escrever a reportagem sobre o crime, mas tropecei com todos os obstáculos possíveis e acabei ficando travado. O que mais me interessava já não era mais o crime em si, mas o tema literário da responsabilidade coletiva. (...) Desde aquele dia, porém, não se passou nenhum outro sem que eu fosse acossado pela vontade de escrever aquela reportagem. (GGM, 2005, p 375)”.

Resumo

Como jornalista ou como escritor, Gabriel García Márquez se preocupava com a responsabilidade política e social de suas narrativas. Em Crônica de uma morte anunciada, o tino do repórter complementa a técnica do escritor no resgate de uma história ocorrida há trinta anos. Ancorada no real, tal narrativa faz uma crítica aos valores morais que pesam sobre os latino-americanos. Recontando o assassinato de Cayetano Gentile, transformado em Santiago Nasar, o autor condensa a maestria do realismo mágico, nesse texto que une a experiência adquirida na prática do romance e na prática da reportagem.

Palavras-chave: Gabriel Garcia Marquez, Crônica de uma Morte Anunciada, América Latina, reportagem, literatura, ficção.

Recebido: 22 de maio de 2014 - **Aceito:** 19 de agosto de 2014

*Maria Cecília Guirado de Carvalho - Jornalista, Doutora em Estudos Portugueses/História da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Atualmente é professora titular do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual Londrina (UEL), Londrina – PR - Brasil. E-mail: ceciliaguirado@hotmail.com

*Angélica Miquelin do Nascimento - Graduada de Comunicação Social- Jornalismo e pesquisadora de Iniciação Científica no Projeto *Imagens da América Latina: textos jornalísticos e literários de Gabriel García Márquez*, coordenado pela professora Maria Cecília Guirado de Carvalho, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR - Brasil. E-mail: angelicamiquelin@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Nas obras de Gabriel García Márquez jornalismo e literatura interpenetram-se criando narrativas híbridas, que oferecem verossimilhança às histórias do imaginário popular. Esse homem - que se encantou na eternidade, dia 17 de abril de 2014 - deixa, nos vários textos jornalísticos e discursos sua preocupação maior: a ética humanística. Deixa para a Literatura as imagens fantásticas, poéticas e estéticas da latino-américa. O legado de Gabo, assim chamado carinhosamente por seus amigos e leitores assíduos, vai além das convicções narrativas, próximas do *new journalism*, vai além do realismo mágico...

Com García Márquez, o jornalismo ganhou poesia, passou a ser mais contundente e mais humano. Também pudera! Bebeu dos melhores vinhos literários: Franz Kafka, Ernest Hemingway, Liev Tolstói, Joseph Conrad, Antoine de Saint-Exupéry, Sófocles, Arthur Rimbaud, Virginia Woolf e William Faulkner e tantos outros.

Seus primeiros textos para a imprensa saem nos jornais colombianos *El Universal*, *El Heraldo* e *Espectador*. A experiência jornalística no Caribe, em princípio, serviria apenas para tamborilar melhor os dedos na escritura, pois o sonho maior era a ficção. Em Bogotá, já havia publicado, em 1948, três contos no suplemento literário de *Espectador*. Enquanto explorava as atividades jornalísticas para sobreviver, entre 1948 e 1950, García Márquez escreve *Arevoada*. “E tudo isso em meio à inquietação - intelectual, festiva, alcoólica e prostibular [...]” (GILARD, 2006, p. 29), sempre em companhia do grupo de Barranquilla. Em seu livro de memórias, o autor conta:

Trabajava por la mañana em la apacible redación de El Heraldo, almorzaba como pudiera, cuidando pudiera y donde pudiera, pero casi siempre invitado dentro del grupo por amigos buenos y políticos interesados. Em la tarde escribía ‘La Jirafa’, mi nota diaria, y cualquier otro texto de ocasión, (GGM[1], 2002, p.138)

1. ENTRE O REAL E O IMAGINADO: A NARRATIVA DE GABO

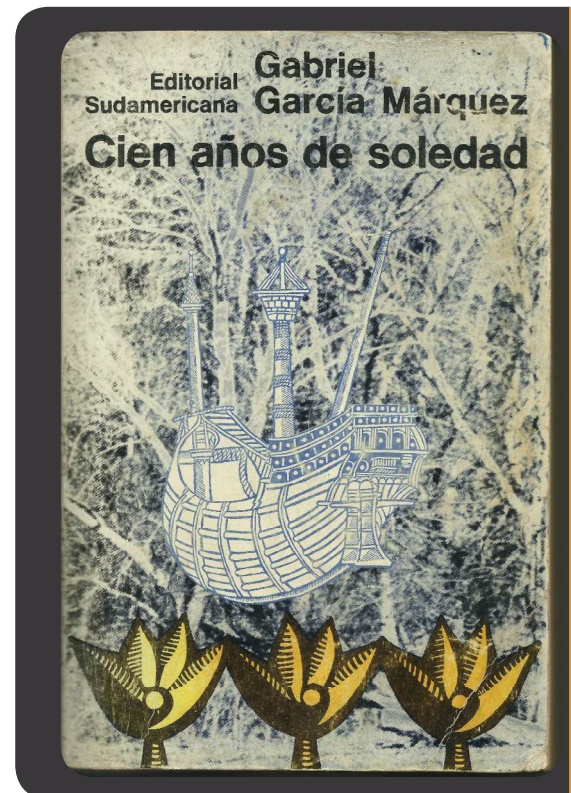
As múltiplas realidades que se expressam pela miscigenação da América Latina são exploradas ao máximo nas fantásticas histórias desse colombiano. Gabito - apelido recebido pelos familiares e conservado pelos amigos mais íntimos - é o autor mais famoso do Terceiro Mundo e o maior expoente do realismo mágico. Estilo que traduz com maestria as práticas culturais da América Latina, resultantes das influências europeias, adotadas em sua maioria pela classe média e alta; e das indígenas [e africanas], assimiladas pelas classes populares entre os latino-americanos (MELO, 1998).

Contudo, personagens, imagens, e enredos, se encontram, de alguma forma, ancorados na areia movediça do real. Assim sendo, como separar, deslindar, o que é real do que é criação do autor, se todos os estilhaços de memórias se recompõem caleidoscopicamente em sua obra? A realidade de Aracataca ao transpor-se para Macondo lhe renderia sua obra máxima e o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982: *Cem anos de solidão*.

Todavia, o mundo de significados mágicos que compõem a narrativa de Gabo passa, indubitavelmente, por sua história de vida. Da

infância com os avós, entre histórias de guerras e adivinhações femininas, veio seu jeito de pregar o mundo. Começou a escrever Literatura na imprensa. Publicou seu primeiro texto no *Espectador*. Um conto, com o qual pretendia “calar a boca” de um editor famoso, que dizia não haver nenhum bom escritor daquela geração:

Levei um susto no domingo seguinte, quando abri o jornal e lá estava, numa página inteira, meu conto, com uma nota na qual Eduardo Zalamea Borda reconhecia que havia se enganado, porque evidentemente com “esse conto surgia um gênio na literatura colombiana” ou coisa parecida. (G.G.M., 2011, p. 13)



Logo descobriu que seria de uma máquina de escrever que tiraria seu sustento, Gabo continuou – com a mesma desenvoltura – colhendo palavras para a literatura e para o jornalismo. De 1948 até a conturbada década de 60, García Márquez produziu intensamente nos dois campos. Como jornalista, foi correspondente internacional. Como literato produziu cerca de quarenta obras, entre livros e contos, que retratam a América Latina.

Em discurso proferido em Los Angeles, Estados Unidos, em 7 de outubro de 1996, afirmou: “o jornalismo escrito é um gênero literário”. “O problema é que os estudantes e muitos professores não sabem ou não acreditam” (GGM, 2011, p. 88).

Um ano antes de ganhar o Nobel, anunciou que havia concluído um livro que ninguém sabia que ele estava escrevendo: a madura *Crônica de uma morte anunciada* (MARTIN, 2010, p. 493). Madura porque o jornalista-escritor guardou a história por 30 anos. Na obra publicada em 1981, o autor reconta o assassinato de Cayetano Gentile, morto a facadas em 1951.

García Márquez narra o crime à luz do seu realismo mágico, muda o nome dos personagens principais e lhes dá uma nova roupagem, carregada de características que revelam a cultura religiosa e moral daquela época. Recontando a história do assassinato, o autor estrutura a narrativa como uma grande-reportagem. Segundo ele, sua *Crônica* não estava distante do *new journalism* americano [2] (MARTIN, 2010, p. 493).

Em 1996 García Márquez publica *Notícia de um sequestro*. Como autor-repórter se embrenha nos caminhos da realidade para registrar a trama política que envolveu o sequestro de dez pessoas, escolhidas pelo temido narcotraficante colombiano Pablo Escobar. Aí a realidade trágica transcendeu o realismo mágico: angústia, incerteza e crueldade são traduzidas pelas precisas palavras do escritor, que nunca deixou de ser jornalista.

Estes dois livros se distinguem claramente: *Crônica* é um romance-reportagem e *Notícia de um sequestro* é um livro-reportagem. O primeiro é híbrido, está entre o jornalismo e a literatura e o segundo é jornalismo, puro jornalismo. É possível imaginar que a prática jornalística aprimorou o estilo literário e a técnica narrativa que tornam inconfundíveis as obras, jornalísticas ou literárias. Sua narrativa peculiar paira sobre a tênue fronteira entre realidade e ficção. Contudo, ambos os textos trazem à tona a responsabilidade humana perante a vivência coletiva.

2. “UMA ESPÉCIE DE FALSO ROMANCE E FALSA REPORTAGEM”

(GGM, in MARTIN, 2010, p. 493)

A história de *Crônica de uma morte anunciada* está baseada na trágica morte de Cayetano Gentile, amigo de juventude de Gabriel. O rapaz foi brutalmente assassinado por Víctor Manuel e José Joaquín Chica Salas, irmãos de Margarida Chica, ex-namorada de Gentile e colega de quarto de Mercedes Barcha, futura esposa de Gabo, no colégio em Mompox.

Em um primeiro momento García Márquez olhou o crime como uma possível reportagem, mas com o tempo percebeu que a história tinha valor literário. Porém, quase trinta anos depois conseguiu reescrever o acontecimento, com o aval de sua mãe Luiza Santiago, que havia lhe pedido para não registrar a história enquanto Julieta Chimento, sua comadre e mãe de Cayetano, estivesse viva.

Quando aconteceram os fatos, em 1951, não me interessaram como material de romance e sim como reportagem. Mas aquele gênero era pouco desenvolvido na Colômbia dessa época e eu era um jornalista de província num jornal ao qual talvez não tivesse interessado o assunto. Comecei a pensar o caso em termos literários vários anos depois, mas sempre levei em conta a contrariedade que causava a minha mãe a pura idéia de ver tanta gente amiga, inclusive alguns parentes, metidos num livro escrito por um filho seu. Entretanto, a verdade de fundo é que o tema só me arrastou realmente quando descobri, depois de pensar muitos anos, o que me pareceu essencial: que os dois homicidas não queriam cometer o crime, tinham feito o possível para que alguém impedisse e não conseguiram. É isso, em última instância, a única coisa realmente nova que tem esse drama, aliás bastante comum na América Latina. Uma causa posterior da demora foi de caráter estrutural. Na realidade, a história termina quase vinte anos depois do crime, quando o marido volta para a esposa repudiada, mas para mim sempre foi evidente que o final do livro tinha que ser a descrição minuciosa do crime. A solução foi introduzir um narrador... que pela primeira vez sou eu mesmo... que estivesse em condições de passear à vontade, a torto e a direito no tempo estrutural do romance. Quer dizer, ao fim de trinta anos, descobri uma coisa que muitas vezes nós romancistas esquecemos: que a melhor forma literária é sempre a verdade. (GGM, 1993, p.30 e 31).

Gabo, o escritor-jornalista, estrutura a narrativa como uma reportagem; vai reconstruindo os últimos passos do personagem Santiago Nasar com depoimentos puxados das lembranças de várias pessoas do povoado. Pessoas que assistiram e que direta ou indiretamente participaram da morte de Santiago, pois não fizeram nada para evita-la. Como repórter-narrador ele entrevistou, *in loco*, pessoas, investigou a fundo e recontou a consumação do crime. Realizou a reportagem que ele queria ter feito e não pode, mas justamente por isso, amadureceu a história e a eternizou.

Na realidade, nunca me interessou uma ideia que não resista a muitos anos de abandono. Se é boa a ponto de resistir aos quinze anos que esperou Cem Anos de Solidão, aos dezessete de O Outono do Patriarca e aos trinta de Crônica de Uma Morte Anunciada, não tenho outro remédio senão escrevê-la (GGM, 1993, p. 31)

Crônica de uma morte anunciada parece estar dividida em cinco partes [3], pois, há espaços em branco que separam os trechos. Essas partes serão analisadas como capítulos. Já no primeiro parágrafo do romance-reportagem o autor revela que o personagem Santiago Nasar será morto e também já direciona o leitor a mergulhar na atmosfera religiosa e ao mesmo tempo supersticiosa da Colômbia e da América Latina.

No dia em que o matariam, Santiago Nasar levantou-se às 5h30m da manhã para esperar o navio em que chegava o bispo. Tinha sonhado que atravessava um bosque de grandes figueiras onde caía uma chuva branda, e por um instante foi feliz no sonho, mas ao acordar sentiu-se completamente salpicado de cascata de pássaros. “Sempre sonhava com árvores”, disse-me sua mãe 27 anos depois, evocando os pormenores daquela segunda-feira ingrata. “Na semana anterior tinha sonhado que ia sozinho em um avião de papel aluminizado que voava sem tropeçar entre as amendoeiras”, disse-me. Tinha uma reputação muito boa de intérprete certa dos sonhos alheios, desde que fossem contados em jejum, mas não percebera qualquer augúrio aziago nesses dois sonhos do filho, nem nos outros sonhos com árvores que ele lhe contara nas manhãs que precederam sua morte. (GGM, 2004, p. 9 e 10).

Seguindo a história o autor narra a noite mal dormida de Santiago, que se esbaldou na festa de casamento de Ángela Vicário e Bayardo San Román. Apesar da ressaca, Santiago acorda cedo para receber o bispo que passou pelo povoado sem colocar os pés na terra. Enquanto isso, o boato de que os irmãos Vicário estavam esperando Santiago para matá-lo corria pelo povoado, mas ninguém se deu ao trabalho de avisá-lo. Já neste primeiro trecho ficam explícitas duas características tipicamente latino-americanas a religiosidade fervorosa e a língua afiada ilustrada pela velocidade com que os boatos se espalham pelas pequenas cidades.



No segundo capítulo o autor relata a chegada de Bayardo San Román, o forasteiro que decide se casar com a filha mais nova de Puríssima e Pôncio Vicário sem razão aparente. García Márquez registra a grandiosa festa de casamento e a desilusão de Bayardo San Román que devolve Ângela Vicário à casa dos pais, porque a noiva já não era virgem. Ângela entrega Santiago à morte quando diz que ele havia lhe desonrado. Além da alegria e das grandes farras este trecho traz características que ainda estão impregnadas na cultura latino-americana: a honra, a desonra e o machismo.

Crônica não segue uma linearidade temporal o narrador passeia pelos acontecimentos acompanhado pelos depoimentos dos entrevistados. A terceira parte começa com os momentos após o assassinato. A honra foi lavada com sangue, mas na verdade os gêmeos Pablo e Pedro Vicário, não queriam cometer o crime e fizeram de tudo para que alguém os impedisse, mas ninguém teve a bondade de interferir. O dever que Puríssima Vicário impôs aos filhos foi cumprido. Entretanto, o autor ressalta que “nunca houve morte mais anunciada”. As entrevistas deixam explícito que várias pessoas sabiam que a tragédia estava a caminho, porém muitos não acreditavam que os Vicário fossem realmente cumprir as ameaças. A narrativa descreve, passo a passo, o trajeto que os assassinos percorreram em busca da vítima e aponta pequenas atitudes que poderiam ter evitado o homicídio.

No quarto capítulo, descreve a autópsia que descaracterizou ainda mais o corpo de Santiago. O autor também fala sobre o destino dos irmãos Vicário que saíram da prisão três anos depois do homicídio. Neste trecho Gabo ainda relata a má sorte da jovem Ângela Vicário, que foi “enterrada viva” pela mãe enquanto cultivava um amor platônico pelo marido que a devolveu. Ângela escreveu centenas de cartas cheias de amor, ódio e desespero até que Bayardo San Román reaparece, dezessete anos depois, com uma mala cheia de cartas

Na última parte do livro García Márquez finalmente descreve, minuciosamente, como foi concretizado o assassinato. Porém, antes ressalta o remorso que cai sobre o povoado, pois a tragédia seria facilmente evitada se uma única pessoa, das muitas que sabiam da trama, tivesse avisado Santiago. Após tanto sofrimento, a moça, que virou senhora, tem o seu final feliz.

Essa é a estrutura-roteiro da história. García Márquez mescla realidade e ficção enquanto relata o terrível assassinato. Na primeira frase do livro o leitor já sabe que Santiago Nasar será morto, o que o leva a ler o livro todo é a amarração caleidoscópica e cíclica desenvolvida pelo o repórter-narrador. O autor consegue manter a tensão da trama e envolver o leitor, que fica angustiado enquanto faz sua própria construção imagética das situações narradas em fragmentos que se repetem; ou em releituras que se bifurcam entre os vários pontos de vista, dependendo do personagem que aparece no centro da ação. Com este exemplo é quase inquestionável o que afirma o jornalista e pesquisador brasileiro, Luiz Gonzaga Motta, “Narrar é uma atitude, quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narração” (2004, p.08).

Com a experiência adquira nos dois ofícios que se interpenetram, o de literato e o de jornalista, García Márquez se tornou um exímio narrador. Em

Crônica a reportagem virou romance e o romance virou reportagem. Uma reportagem que vai além do *lead* (o que, quem, quando, onde, como, e por quê), mas não o deixa de lado. Como já foi dito, na primeira frase o autor revela o **que** vai acontecer com o personagem principal. Na segunda página do romance, García Márquez conta **como** e **quando** Santiago morreu. Mais à frente descreve o local **onde** esperavam Santiago para matá-lo. Então, Gabo conduz o leitor até a 26ª página para revelar **quem** foram os assassinos de Santiago. O motivo do assassinato só é revelado na 35ª página: “Ângela Vicário, a bela moça que se casara na véspera, fora devolvida à casa dos pais porque o marido viu que não era mais virgem. (GGM, 2004, p.35).

Para construir a narrativa o repórter-literato se apoiou, ou não, em mais de 40 depoimentos, que aparecem – jornalisticamente - citados no texto entre aspas. O relatório escrito pelo “juiz instrutor”, também foi fonte da investigação minuciosa:

Eu mesmo procurei, muitas vezes com água até os tornozelos, naquele tanque de causas perdidas, e só um acaso me permitiu resgatar, depois de cinco anos de buscas, umas 322 folhas salteadas das mais de 500 que devia ter o sumário. (GGM, 2004, p.146)

Os depoimentos e as pesquisas em que se embrenha o narrador reforçam a verossimilhança desta narrativa híbrida, que se esgueira entre as técnicas narrativas do jornalismo e da literatura. Gabo sabia cativar o leitor, que se encanta com a cuidadosa seleção de palavras que dão fôlego e ritmo à sinfonia de sua obra. Publicada em livro a reportagem romanceada, ou o romance escrito com métodos de investigação jornalística, atingiu milhares de leitores mundo afora.

3.PERFORMATIZAÇÕES DO REAL: OS PERSONAGENS DE GABO

“Não existe uma linha em nenhum dos meus livros que eu não possa relacionar a uma experiência real. Sempre existe uma referência a uma realidade concreta.” (GGM in MARTIN, 2010, p. 207).

Uma narrativa híbrida precisa de personagens que tenham um pé na realidade. Assim, os protagonistas reais da tragédia foram eternizados nas bem traçadas linhas de Gabo. Ele transformou Cayetano Gentile em Santiago Nasar, Margarida Chica em Ângela Vicário e os irmãos Vicário são a representação de Víctor Manuel e José Joaquín Chica Salas:

Gentile, um imigrante de ascendência italiana, se tornaria Santiago Nasar, um árabe, e, dessa maneira próximo da ancestralidade de Mercedes Barcha. Margarida Chica, amiga de Mercedes, se tornaria Ângela Vicário. Miguel Palencia se tornaria Bayardo San Román. Víctor Manuel e José Joaquín Chica Salas seriam os irmãos gêmeos Pedro e Pablo Vicário. A maioria dos outros detalhes do livro é igual à vida real, ou similar. Alguns dos relacionamentos foram modificados, em particular em termos de classe social, e é evidente que García Márquez reescreveu o caso dramático com o olhar mágico do romancista. (MARTIN, 2010, p. 496).

Gerald Martin, pesquisador de estudos do Caribe e biógrafo oficial de Gabriel García Márquez afirma que *Crônica de uma morte anunciada* é uma obra de dimensão autobiográfica. Na história, o narrador, envolve a mãe Luisa Santiago, os irmãos Luis Enrique, Jaime, Margot, uma irmã freira e um pai,

que não são nomeados, e ressuscita a tia Wenefrida para observar os últimos suspiros de Santiago. Martin ressalta que: “Os membros da família aparecem não apenas com os próprios nomes, mas com a própria personalidade e maneira de falar” (MARTIN, 2010, p. 497).

O povoado onde passa a história de *Crônica* é a cidade de Sucre ao norte da Colômbia, na região do Caribe, onde a família García Márquez morou em uma casa às margens do rio, como é descrito no romance. O autor também não menciona o nome do povoado no livro, mas: “embora o lugar jamais tivesse tido barcos a vapor, como a cidade do romance tem, nem carros; e Cartagena por certo não podia ser vista à distância. Mas, na maioria dos outros aspectos, a cidade é quase idêntica à original” (MARTIN, 2010, p.497).

Como o próprio Gabo diz, sua narrativa está calcada na realidade, assim seus personagens sendo eles, reais ou não, também são moldados a partir da realidade do povo colombiano, histórias vividas pelo repórter, ou observadas pelo escritor. Histórias que ganham forma em narrativas fantásticas performatizadas por mulheres de pulso firme e coração angustiado e homens aventureiros e solitários.

“Os acontecimentos relatados pelas narrativas (realistas ou imaginárias) são performatizados por personagens, atores que representam seres humanos e realizam coisas que os seres humanos também realizam (antropomorfismo natural da narrativa). A construção de personagens e ações na narrativa é uma estruturação de condutas humanas, que fornecem ao narrador matéria prima e os modelos”. (MOTTA, 2004, p.7 e 8.).

Mesclando fatos reais e liberdade criativa, *Crônica de uma morte anunciada* se mostra uma narrativa realista, mas fantástica. A fronteira que distingue realidade e ficção se confunde tanto que o autor ganhou um processo por denegrir a imagem dos irmãos Víctor Manuel e José Joaquín Chica Salas.

No dia 7 de maio, um advogado de Bogotá, Enrique Alvares, processou García Márquez reivindicando meio milhão de dólares por denegrir os irmãos retratados no romance, pois ambos haviam sido “inocentados” do crime, enquanto o livro os mostrava como assassinos. Só de pensar no infeliz, e até mesmo possivelmente inocente, Cayetano Gentile, que de fato fora assassinado – ainda que, de acordo com a lei, não – pelos irmãos trinta anos antes, tudo aquilo parecia acrescentar insulto à injúria, como vingança. Alguns dos outros “personagens centrais” do livro, pessoas retratadas nele, ou que achavam ter sido, além de outros membros familiares, reuniram-se na Colômbia, nas quais a maioria das classes profissionais sempre teve uma sólida educação literária, faziam distinções literárias sutis entre a verdade histórica e a ficção narrativa, e a liberdade do autor seria retumbantemente mantida. (MARTIN, 2010, p.504).

Fica provado que, excluindo valores figurativos ou exacerbados próprios do realismo mágico, o livro é fiel ao triste assassinato de Cayetano. Um crime cometido à luz dos valores morais de uma terra devota e tradicionalista. “As narrativas criam significações sociais, são produtos culturais inseridos em certos contextos históricos, conformam as crenças, os valores, as ideologias, a política, a sociedade inteira” (MOTTA, 2004, p.9 e 10). As escrituras de Gabo não de perpetuar as significações sociais dos últimos cinquenta anos, pois elas refletem a memória cultural da América Latina.

Últimas considerações

Crônica de uma morte anunciada é um grande exemplo da responsabilidade social que García Márquez perseguia como jornalista e escritor. “Para ele, romance e reportagem são filhos de uma mesma mãe”. (GGM, 2005, p.257). Entre o universo onírico e o mundo real, a narrativa desse colombiano - que captou e descreveu na imprensa muitos recortes de uma realidade nem sempre agradável aos olhos do poder – parece ter sido amparada pela ética da responsabilidade social.

Para Gabo, o jornalismo sempre foi “o melhor ofício do mundo” (GGM, 2011, págs. 88-100). Seja nos primeiros anos de Caribe, 1948 - 1952, seja como correspondente internacional, em vários países, até 1995, o exercício da profissão, lhe daria um imenso manancial de histórias para contar.

Mas, a originalidade de suas criações está na fusão entre a força da realidade e os encantos da ficção: essência do realismo mágico, que privilegia os temas sociais, sem deixar de descrevê-los numa aura mítica de crenças e rituais típicos da América Latina. No caso da *Crônica de uma morte anunciada*, é possível destacar: religiosidade, misticismo, exacerbação dos valores morais, que regem as questões de honra, coronelismo e a própria indiferença do povoado diante da violência.

Separar os meandros da realidade e do imaginário, que perpassam os textos de Gabriel García Márquez é um desafio. Por isso, esse breve estudo pode ser visto como diagrama que alimenta hipóteses sobre as intermediações entre as imagens reais e as fictícias no processo de criação da *Crônica de uma morte anunciada*.

O romance-reportagem ou a reportagem romanceada, traduzida para a linguagem cinematográfica por Francesco Rosi, em 1987, ganhou novas interpretações. Porém, o filme está muito aquém da riqueza narrativa de García Márquez, que prezava por todos os detalhes – por mais supérfluos que fossem – para chegar ao fundo das coisas.

BIBLIOGRAFIA

- GARCÍA MÁRQUEZ, G., *Cheiro de Goiaba: conversas com Plínio Apuleyo Mendonza*, tradução de Eliane Zagury. 4. ed, Record, Rio de Janeiro, 1993.
- _____ *Crônica de Uma Morte Anunciada*, tradução de Remy Gorga Filho. 31ª. ed, Record, Rio de Janeiro, 2004.
- _____ *Viver para Contar*, tradução de Eric Nepomuceno. 6. ed, Record, Rio de Janeiro, 2005.
- _____ *Eu não vim fazer um discurso*, tradução de Eric Nepomuceno. 6. ed, Record, Rio de Janeiro, 2011.
- GILARD, J. Introdução, *Textos caribenhos - Obra jornalística 1 (1948-1952)*, Record, Rio de Janeiro-São Paulo, 2006.

- MARTIN, G., *Gabriel García Márquez: uma vida*, tradução Cordelia Magalhães, Ediouro, Rio de Janeiro, 2010.
- MELO, J., *Gabriel García Márquez e o Realismo Mágico Latino-Americano*. In Revista Camões nº 2, julho-setembro, 1998.
- MOTTA, L. G., *Narratologia – Análise da narrativa jornalística*, Casa das Musas, Brasília, 2004.

NOTAS

[1] Será usada a abreviação GGM (Gabriel García Márquez) nas referências retiradas da obra do autor ou em depoimentos do autor aos biógrafos.

[2] New Journalism – Sinônimo de Jornalismo literário ou tendência de reportagem literária, livro-reportagem ou romance-reportagem, que reanimou o Jornalismo norte-americano nas décadas de 1960 e 1970. Os jornalistas interagem com os personagens entrevistados durante longo tempo. Consultar as obras de Tom Wolfe, Truman Capote, Norman Mailer e Gay Talese. Na esteira desses mestres, Gabriel e seu irmão Jaime García Márquez criaram, em 1994, a Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano, em Cartagena de Indias, na Colômbia, que pode ser acessada em <http://www.fnpi.org>.

[3] Na edição utilizada para esta análise, a história está dividida em cinco partes, com espaço em branco entre elas. Ficou presumido que estas cinco partes seriam capítulos que não foram numerados.

Para citar este artigo:

Guirado De Carvalho, Maria Cecília & Nascimento, Angélica Miquelin do (2014).

Relações Entre a Ficção e Jornalismo em Crônica de uma Morte Anunciada de Gabriel García Márquez. Revista Luciérnaga / Comunicación. Año 6, N11. Communications Research Group, Escola de Estudos de Comunicação, Politécnico Colombiano Jaime Isaza Cadavid. Medellín na Colômbia. Escola de Ciências da Comunicação, Universidade Autónoma de San Luis Potosí, no México. ISSN 2027-1557. Págs. 40-45.